

“Ele foi de arrasta pra cima”:

Uma análise das metáforas de morte nas redes sociais

“He went dragging up”: an analysis of death metaphors on social networks

Luciana Oliveira ATANÁSIO*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO: Este artigo investiga como os sentidos sobre morte são compartilhados nas redes sociais, através das expressões linguísticas metafóricas (ELM) derivadas de metáforas conceituais no contexto digital. Fundamentado na Linguística Cognitiva, especialmente na Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (2002), e da Metáfora na Cultura de Kövecses (2002, 2005, 2007) o estudo explora metáforas examinando sua função na construção e transmissão de significados sobre morte. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa-descritiva e interpretativista para analisar postagens públicas nas redes sociais. Dentre os resultados alcançados conclui-se que as metáforas refletem e influenciam as representações culturais e sociais da morte no ambiente digital reconfigurando sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceitual. Metáfora Cultural. Redes Sociais.

ABSTRACT: This article investigates how meanings about death are shared on social networks by analyzing metaphorical linguistic expressions (MLE) derived from conceptual metaphors in the digital context. Grounded in Cognitive Linguistics, particularly in Lakoff and Johnson's Conceptual Metaphor Theory (2002) and Kövecses' Metaphor in Culture (2002, 2005, 2007), the study explores metaphors by examining their role in constructing and transmitting meanings about death. The research adopts a qualitative-descriptive and interpretative approach, analyzing public posts on social networks. The findings indicate that metaphors reflect and influence cultural and social representations of death in the digital environment, reconfiguring meanings.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor. Cultural Metaphor. Social Networks.

Introdução

No contexto contemporâneo, com o avanço da tecnologia e o crescimento das interações digitais, a morte, assim como outros aspectos da vida, é cada vez mais discutida, retratada e experienciada de maneiras diversas, influenciada pelas plataformas

* Doutoranda em Linguística do Proling-UFPB. Mestra em Estudos de Linguagem- UFPI. Professora de Língua Portuguesa EBTT do IFMA campus Codó. E-mail: luatanasio@gmail.com.br e luciana.atanasio@ifma.edu.br

digitais e pela comunicação virtual. Nesse aspecto, as redes sociais, tornaram-se um espaço não só para o luto e a expressão da perda, mas também para a construção de narrativas e homenagens póstumas, categorizadas nas metáforas conceituais através de expressões linguísticas metafóricas (doravante ELM) que auxiliam os indivíduos a lidar com a morte e a abordar sobre seus conceitos.

Enquanto alguns utilizam a internet para expressar dor e consternação com a partida de alguém, outros podem adotar uma postura mais cínica ou humorística, por vezes tratando a morte como um tema distanciado da seriedade e da dor. Isso contribui para um fenômeno de fluidez entre conceitos, no qual os indivíduos não apenas reformulam suas próprias experiências, mas também reconfiguram a forma de tratar temas considerados tabus.

Partindo do exposto, esse trabalho tem por objetivo investigar como os sentidos sobre a morte são compartilhados nas redes sociais, analisando ELM advindas de metáforas conceituais que emergem nesses contextos. A partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, doravante LC, entende-se que as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas também estruturas cognitivas fundamentais que moldam o pensamento e a comunicação humana (Lakoff, Johnson 2022). Nesse sentido, busca-se compreender como as metáforas conceituais relacionadas à morte, como MORTE É VIAGEM², MORTE É TRANSIÇÃO, MORTE É FALÊNCIA, entre outras, são utilizadas para construir e transmitir significados no ambiente digital. Ao explorar essas metáforas, o estudo examina como esses conceitos refletem e influenciam as representações culturais (Kövecses 2002, 2005, 2007; Semino, 2008, 2011).

Para as análises optou-se pela busca de ELM em por duas redes sociais: Instagram e X (antigo Twitter). Tais foram escolhidas principalmente devido à popularidade e diversidade de seus usuários e por ambas oferecem acesso a postagens públicas, o que facilitou a coleta de dados para pesquisa sem invadir a privacidade dos usuários.

A metodologia se baseia na abordagem qualitativa-descritiva e interpretativista que combina a descrição detalhada de fenômenos com a interpretação dos significados atribuídos a eles no contexto social e cultural (Creswell, 2010). A vertente qualitativa-descritiva se concentra em coletar e apresentar dados de maneira minuciosa, destacando as particularidades observadas, sem a preocupação de quantificar esses dados. Já a

² Nesse trabalho usa-se o estilo versalete para representar os conceitos metafóricos

dimensão interpretativista parte do princípio de que a realidade social é construída com base nos significados que os indivíduos atribuem às suas experiências. Assim, o pesquisador interpreta os dados considerando o contexto histórico, cultural e social dos participantes, buscando entender as práticas e percepções subjacentes aos fenômenos estudados.

1 Composição da Metáfora Conceptual na Linguística Cognitiva

A LC propõe que a cognição é responsável pela relação entre a Palavra e o Mundo. E nesse contexto, as palavras não possuem significado por si mesmas, mas cooperam ativamente para a construção dos sentidos. Esse princípio é basilar para entender-se como as palavras e expressões funcionam na interação, já que seus significados dependem dos processos cognitivos e das experiências do indivíduo (Merleau- Ponty, 1999). Esse modo de pensar sobre a linguagem foi um marco importante para o surgimento da LC em solo estadunidense, com a obra seminal *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980[2002]), esse trabalho, no qual se configurou a Teoria da Metáfora Conceitual (doravante TMC), os autores apresentam que a metáfora faz parte da vida cotidiana, está ligada ao pensamento e à ação, concebendo o sistema conceptual humano essencialmente metafórico.

No panorama apresentado por Ferrari e Pinheiro (2020) a LC surge como uma abordagem da linguagem que a considera como um meio de conhecimento, estreitamente relacionado à experiência humana do ambiente. Em vez de estudar as unidades e estruturas da linguagem como entidades autônomas, essa abordagem as analisa como manifestações de capacidades cognitivas gerais, organização conceitual, princípios de categorização, e mecanismos de processamento e experiência cultural, social e individual.

Isso quer dizer que a LC é uma abordagem que examina a linguagem como um meio de conhecimento, interligado à experiência humana e busca correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corporal e a estrutura linguística, além de procurar descobrir os conteúdos reais da cognição humana por meio da análise sistemática da estrutura e do uso da linguagem. Os estudos em LC partem do princípio da interdisciplinaridade com outros campos de estudo, nos quais os princípios gerais devem estar interligados com a mente e o cérebro, esse ponto prevê a interlocução entre essas áreas para maior caracterização dos processos cognitivos (Ferrari e Pinheiro, 2020).

Silva (1997) explica que a LC se destaca como uma abordagem específica dentro das ciências cognitivas, concentrando-se exclusivamente na linguagem como meio de conhecimento e interação com o meio tratando de entender o mundo, e entendê-lo é categorizá-lo à medida que este existe através da experiência e do pensamento. Assim a TMC em Lakoff e Johnson (2002) é apresentada como mecanismo que molda a cognição humana, permitindo-se entender e comunicar conceitos abstratos advindos das experiências cotidianas.

A TMC desafia a forma como e concebem as categorias. Advinda da tradição filosófica clássica, por muito tempo as categorias foram apresentadas como algo bem resolvido, eram formas abstratas com itens que se classificavam dentro ou fora de determinada categoria, como uma verdade inquestionável e definitiva. No entanto o Experiencialismo [*Experientialism*], ou realismo experiencialista, ou ainda realismo encarnado, como um dos preceitos básicos da TMC, sugere que os conceitos e categorias mentais são fundamentados na experiência sensorial e corporal do indivíduo no mundo. Lakoff (1987) relaciona que a linguagem não é apenas um sistema simbólico abstrato, mas está enraizada nas experiências físicas e vivências cotidianas. Nele, no experiencialismo, o significado é definido a partir da corporeidade [*embodiment*], que é exatamente essa relação do ser no mundo. Assim, a corporeidade pode ser entendida como o modo pelo qual as experiências físicas e sensoriais do corpo influenciam a linguagem e a maneira como o ser concede o mundo ao ser redor.

Desafiando a noção de que categorias são independentes do corpo humano, Lakoff (1987) explica que as categorias não são apenas formas arbitrárias de agrupar o mundo, mas refletem as estruturas corporais e cognitivas dos seres humanos. Nisso, as metáforas, em sua visão, são fundamentais para a formação de categorias, especialmente em conceitos abstratos.

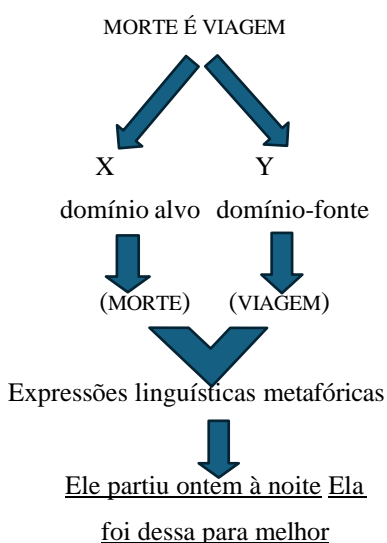
Esse pressuposto implica que o significado de uma expressão não pode ser determinado apenas com base nas propriedades objetivas do que está sendo conceptualizado. Em outras palavras, não basta analisar as características intrínsecas da entidade ou situação em questão, é preciso levar em conta o papel do sujeito que conceptualiza, a pessoa que está realizando o ato de perceber e interpretar. Isso denota que a conceptualização é influenciada pelas experiências, conhecimentos prévios e o contexto em que o sujeito se encontra. Então, diferentes indivíduos podem conceptualizar

a mesma entidade ou situação de maneiras diversas, gerando variações no significado atribuído.

A categorização se estabelece na relação entre domínios que é outra característica essencial na TMC, em que se usa conceitos mais familiares e concretos para entender ideias mais complexas e abstratas. Isto posto, no contexto das metáforas conceituais, o termo DOMÍNIO-FONTE refere-se ao conceito mais concreto ou familiar, enquanto o DOMÍNIO-ALVO corresponde ao conceito mais abstrato ou complexo, que é compreendido por meio da metáfora (Lakoff e Johnson, 2002; Kövecses 2005). Nisso, as metáforas conceituais estabelecem uma relação de mapeamento entre dois domínios distintos, sendo que o domínio fonte serve como uma base de conhecimento para entender o domínio alvo. Portanto, as metáforas conceituais, envolvem dois conceitos abstratos na forma de X (domínio alvo) e Y (domínio fonte).

Quando se diz que MORTE É VIAGEM, essa metáfora conceitual implica em um conceito abstrato, que envolve experiências, desafios e mudanças ao longo do tempo- MORTE (domínio alvo) - é mapeado para um conceito mais concreto, com etapas e objetivos bem definidos, como começar, continuar e terminar uma jornada -VIAGEM (domínio fonte). O mapeamento entre esses dois domínios ajuda a transferir as características do domínio-fonte (VIAGEM) para o domínio-alvo (MORTE), facilitando a compreensão do conceito abstrato de morte ao associá-lo a uma experiência concreta, como a viagem.

Figura 01: metáfora conceptual



Fonte: Elaboração própria, 2025.

A partir dessa definição de metáfora conceptual, examina-se que as ELM são manifestações das metáforas conceituais na linguagem cotidiana, ou seja, as palavras e frases que os indivíduos utilizam são as manifestações das metáforas conceituais (Gibbs, 1994, Grady 1997, Kövecses, 2002). Depreende-se que as metáforas conceituais são estruturas cognitivas profundas, enquanto as ELM são suas manifestações na linguagem. Assim, a frase: ‘Ela foi dessa para melhor’ é uma ELM da metáfora conceitual MORTE É VIAGEM.

2 Universalidade e variação cultural da metáfora conceptual

À medida que a TMC se desenvolveu, seus pressupostos originais sobre a centralidade das metáforas na estruturação do pensamento e da linguagem foram reavaliados e refinados, levando ao surgimento de novas abordagens críticas. Esses avanços possibilitaram uma análise mais interdisciplinar das metáforas, reconhecendo sua flexibilidade e variação em diferentes contextos cognitivos e culturais. Ao expandir os limites da teoria original, o estudo das metáforas se vinculou a demandas teóricas diversas, destacando-se os trabalhos de Kövecses (2005, 2007) sobre metáforas na cultura.

Kövecses (2005, 2007) define metáforas culturais como estruturas conceituais que refletem experiências coletivas compartilhadas por uma comunidade. Essas metáforas moldam a linguagem e influenciam como as pessoas pensam e agem dentro de seu contexto cultural, sendo essenciais para a transmissão de valores, crenças e práticas sociais. Elas emergem de experiências cotidianas e são incorporadas à linguagem de maneira natural, muitas vezes passando despercebidas.

Metáforas culturais são dinâmicas e evoluem conforme mudam as condições sociais e históricas. Kövecses (2002) argumenta que a cultura influencia as metáforas porque as experiências emocionais e sua compreensão dependem do contexto cultural. O autor também diferencia metáforas universais, baseadas em experiências humanas comuns, de metáforas específicas a cada cultura, que refletem valores e práticas particulares. Dentro de uma mesma cultura, também ocorrem variações metafóricas, pois

diferentes grupos têm experiências distintas que influenciam sua percepção e conceptualização do mundo.

Essa abordagem integra o estudo das metáforas conceituais aos Estudos Culturais, campo interdisciplinar que investiga práticas cotidianas, símbolos e a produção de sentido nas sociedades (Kövecses, 2002, 2005, 2007). Os Estudos Culturais são influenciados por transformações sociais e tecnológicas, oferecendo uma perspectiva ampla sobre o papel da metáfora. Por isso, Kövecses (2005) afirma que a metáfora é simultaneamente conceptual, linguística, neurocorpórea e sociocultural.

Essa nova perspectiva sobre metáforas aprofunda conceitos como Corporalidade e Experiencialismo, considerando-as estruturas construídas em tempo real a partir de fatores individuais e culturais. Há diferenças significativas na manifestação de padrões metafóricos em cada língua, pois a metáfora possui aspectos conceituais, discursivos, afetivos e socioculturais. Por isso, Kövecses (2002, 2007) propõe uma metodologia que relaciona metáforas conceituais à cultura, considerando a teoria cognitiva como prática cultural.

Kövecses (2000, 2005, 2007) explica que metáforas universais derivam de experiências corpóreas comuns, como emoções básicas e percepções espaciais. Em contrapartida, metáforas culturais variam conforme fatores históricos, sociais e linguísticos, refletindo valores e tradições específicos de um grupo. Dessa forma, a linguagem está intimamente conectada ao contexto sociocultural.

Quando experiências são comuns a todos os seres humanos, as metáforas correspondentes tendem a ser universais. Lakoff e Johnson (1999) destacam que metáforas primárias fazem parte do inconsciente cognitivo e são adquiridas automaticamente, portanto, seriam basicamente universais. No entanto, Gibbs (1999) questiona a interpretação universal de experiências corporais, introduzindo perspectivas diversas nessa ideia. Ele argumenta que a compreensão dessas experiências varia culturalmente, sugerindo que a metáfora emerge da interação entre mente, corpo, mundo e modelos culturais.

Kövecses (2005) também defende essa perspectiva, considerando que algumas metáforas são potencialmente universais, enquanto outras variam entre culturas (metáforas interculturais) e dentro de uma mesma cultura (metáforas intraculturais). Assim, além das metáforas primárias, metáforas complexas também podem ser

universais, desde que baseadas em experiências humanas comuns. Esse debate mostra que, apesar das semelhanças fisiológicas, há diferenças significativas na conceitualização de conceitos entre culturas.

Kövecses (2005) ao tratar da universalidade da metáfora traz alguns questionamentos sobre a relação entre línguas e culturas do mundo para os estudos cognitivos:

Em outras palavras, afirmo que, se analisarmos as evidências disponíveis atualmente nas línguas e culturas do mundo, assim como dentro das próprias línguas e culturas, o que encontramos é que a versão atual da visão da metáfora na linguística cognitiva não é abrangente e: experiências universais não levam necessariamente a metáforas universais; a experiência corporal pode ser usada seletivamente na criação de metáforas; a experiência corporal pode ser suplantada tanto pela cultura quanto pelos processos cognitivos; metáforas primárias não são necessariamente universais; metáforas complexas podem ser potencialmente ou parcialmente universais; as metáforas não são necessariamente baseadas na experiência corporal – muitas são baseadas em considerações culturais e em processos cognitivos de diferentes tipos.³ (Kövecses, 2005, p. 04)

O autor sugere que a relação entre metáforas e a experiência corporal é complexa, sendo moldada por fatores culturais e cognitivos. Portanto, não se pode assumir que metáforas universais existam apenas com base em experiências corporais compartilhadas. A cultura é significativa na criação e no uso das metáforas, e diferentes processos cognitivos podem alterar ou substituir a influência corporal na linguagem, mostrando como a cultura é relevante na seleção, elaboração e ênfase de determinadas metáforas.

Kövecses (2000) destaca como diferentes culturas utilizam metáforas para descrever e compreender emoções, variando significativamente, embora padrões universais possam ser identificados. Nesse sentido, as metáforas conceptualizam a relação entre linguagem, cultura e corpo humano.

Se somos tão parecidos fisicamente e nossa constituição física importa tanto na conceitualização quanto foi sugerido, por que os falantes de inglês, húngaro, japonês, chinês e outros idiomas não percebem a raiva da mesma forma? A

³ Tradução minha de: In other words, I claim that if we look at the currently available evidence in the world's languages and cultures, as well as within languages and cultures, what we find is that the present version of the cognitive linguistic view of metaphor is not comprehensive and Universal experiences do not necessarily lead to universal metaphors; Bodily experience may be selectively used in the creation of metaphors; Bodily experience may be overridden by both culture and cognitive processes; Primary metaphors are not necessarily universal; Complex metaphors may be potentially or partially universal; Metaphors are not necessarily based on bodily experience – many are based on cultural considerations and cognitive processes of various kinds.

resposta pode ser simples. Sugiro que, por um lado, cada uma das quatro culturas desenvolveu seus próprios conceitos distintos que dominam as explicações na cultura dada e pelos quais os membros da cultura interpretam suas experiências (emocionais) e, por outro lado, sutis diferenças na conceitualização da fisiologia também podem levar a diferenças na compreensão popular (Kövecses, 2000, p.167)⁴.

É possível inferir, a partir do que diz o autor, que, apesar de os indivíduos compartilharem uma constituição física semelhante o que sugere uma base universal para a conceptualização, diferentes culturas percebam e expressem emoções como TRISTEZA de maneiras distintas. A resposta, como sugerida no texto, está na interação entre universalidade biológica e variação cultural.

Saparas e Ikeda (2017) ao apresentar as inter-relações entre metáfora e cultura explicam que a relação entre cultura e metáforas mostra como determinados conhecimentos culturais são, em essência, estruturados de forma metafórica, pois uma parte significativa da definição de cultura está nos conhecimentos compartilhados pelos membros de uma sociedade. Esses conhecimentos podem ser considerados metafóricos especialmente quando se referem a entidades intangíveis, como o tempo, a vida interna, os processos mentais, as emoções, os valores morais e as instituições sociais e políticas.

Para esses autores as metáforas, são entendidas como um componente essencial no tecido cultural, pois são relevantes para se compreender como os indivíduos realmente experienciam os elementos intangíveis de uma cultura, porque mediam a percepção cultural e moldam o entendimento dos conceitos abstratos, tornando-se s à cultura, uma vez que influenciam diretamente a maneira como os membros de uma sociedade compreendem e se relacionam com aspectos fundamentais de suas vidas.

3 Metáfora e cultura na internet

⁴ Tradução minha de: If we are so much alike physically and our physical makeup matters as much in conceptualization as has been suggested, why don't speakers of English, Hungarian, Japanese, Chinese, and other languages perceive anger in exactly the same ways? The answer may be simple. I suggest that, on the one hand, each of the four cultures has developed its own distinctive concepts that dominate explanations in the given culture and through which members of the culture interpret their (emotional)experiences and, on the other, subtle differences in the conceptualization of physiology may also lead to differences in folk understandings.

A internet, como uma vasta rede de conexões, funciona como um palco cultural no qual diferentes expressões humanas se entrelaçam. Cada site, post ou vídeo é um fio que contribui para a tapeçaria global, permitindo que culturas, tradições e ideias se cruzem, se influenciem e se transformem. Nesse espaço virtual, a cultura não é estática, mas dinâmica, fluindo de uma ponta a outra, criando um constante movimento de troca e reinvenção. A internet se torna, assim, um lugar de diversidade em tempo real teoricamente acessível a todos.

Nesse contexto, Coscarelli e Ribeiro (2005), em seus estudos sobre linguagem na internet, analisam como as interações comunicativas online criam modos de se expressar e de construir significado, com particular foco nos aspectos socioculturais e linguísticos dessa modalidade. Eles destacam que, na internet, as trocas de mensagens não se limitam à comunicação verbal, mas envolvem elementos paralinguísticos como emoticons, memes, links, e vídeos, que são relevantes na construção dos sentidos.

Além disso, os autores apontam que, na internet, o discurso é frequentemente marcado por um estilo mais informal, interativo e dinâmico, com uma forte presença de gírias e abreviações, refletindo a necessidade de agilidade na comunicação. Os autores também discutem como as redes sociais contribuem para a criação de novas formas de identidade e pertencimento, moldadas pela interação linguística e pelas diferentes comunidades online.

Nesse contexto destaca-se as ELM sobre morte, que sempre teve uma tradição na língua de ser suavizada através de construções como: 'partir dessa pra melhor', 'descansar', entre outros termos. Essa linguagem possibilita reformulações e inovações de construções de linguagem sobre a morte, que vão desde composições universais àquelas bem específicas sempre ligadas a contextos culturais.

A conceptualização da morte no ambiente virtual por meio de metáforas reflete tanto experiências físicas quanto culturais. Por exemplo, expressões como 'matar uma conta', 'enterrar um post' ou 'reviver um perfil' são comuns nas plataformas digitais. Essas ELM indicam uma transposição das experiências do mundo físico para o mundo virtual, no qual as ações relacionadas à morte são utilizadas para descrever ações digitais, como desativar um perfil ou remover conteúdo.

Quando se analisa as metáforas no discurso vê-se que elas não são neutras (Semino, 2008, 2011). A escolha de um domínio-fonte específico influencia como o

domínio-alvo é interpretado. Essas metáforas podem ser usadas para persuadir, argumentar, avaliar ou explicar, desempenhando um papel central na representação da realidade. Além disso, Semino (2008), sugere que as metáforas também têm funções interpessoais e textuais. Elas ajudam a construir e negociar relações sociais, expressando emoções e criando intimidade ou humor. No nível textual, as metáforas ajudam a organizar um texto, contribuindo para sua coesão, além de estruturar o argumento.

Outro ponto importante é que as metáforas frequentemente desempenham várias funções ao mesmo tempo. Uma única metáfora pode representar uma ideia, fortalecer a relação entre interlocutores e estruturar o texto. Isso mostra a versatilidade da metáfora no discurso, especialmente em gêneros que exigem criatividade, como discursos políticos, artigos jornalísticos e *posts* da internet.

Nesse cenário, o estudo das metáforas conceptuais serve para compreender como os grupos culturais constroem e expressam suas visões de mundo. Como já explicado por Semino (2008) elas refletem e reforçam, entre outros conceitos, relações de poder, muitas vezes privilegiando as perspectivas da cultura dominante em detrimento das culturas minorizadas.

Pode-se fazer inferências à Kövecses (2005, p. 01) quando este relaciona metáfora e cultura: “cultura como sendo um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”. Tal quer dizer que a cultura não é apenas um conjunto de práticas ou comportamentos, mas também inclui as maneiras pelas quais as pessoas entendem e interpretam o mundo.

Numa sociedade, diferentes culturas compartilham certos valores básicos, mas cada uma delas dá prioridade a esses valores de maneiras distintas, e as redes sociais são o campo de expressão desses valores.

4 Metáforas sobre a morte no contexto virtual

Para o *corpus* desse trabalho foram selecionados comentários relacionados à morte no Instagram e Twitter. Foi feita a captura de tela (print) ou a reescrita de diálogos sobre a morte, optando-se por ELM que se relacionem às construções linguísticas da atualidade, por isso o trabalho se centra em comentários em postagens de 2022 a 2024.

Para as metáforas conceituais o método usado foi o Procedimento de Identificação de Metáfora ou PIM (*em inglês, MIP- metaphor identification procedure*), elaborado pelo Grupo Pragglejaz⁵, pois foi visto como mais adequado por possibilitar a análise dos processos linguísticos-cognitivos em contextos reais de interação. Depois de serem identificadas, as metáforas foram relacionadas de acordo com os seus domínios- alvo e domínios-fonte, e posteriormente fez-se o mapeamento metafórico para relacioná-los com os aspectos culturais no contexto virtual. E para garantir o direito à privacidade de quem postou, os nomes foram ocultados.

Para contextualizar como as metáforas se relacionam aos contextos culturais fez-se um levantamento de metáforas sobre morte e algumas ELM mais tradicionais, explicando-se o sentido de tais construções linguísticas:

Quadro 1: Metáforas conceituais e construções metafóricas tradicionais

METÁFORA CONCEITUAL	DOMÍNIO- FONTE	DOMÍNIO- ALVO	ELM
MORTE É VIAGEM	Viagem/Deslocamento	Morte	' <u>Passou para o outro lado</u> ' ' <u>Foi para um lugar melhor</u> '
MORTE É O FIM DE UM CICLO	Natureza/Ciclo de Vida	Morte	' <u>Chegou ao fim do seu tempo</u> ' ' <u>Cumpriu seu ciclo</u> '
MORTE É DESCANSO	Descanso/Repouso	Morte	' <u>Descansou em paz</u> ' ' <u>Foi dormir para sempre</u> '
MORTE É UMA PERDA/CONSUMO	Perda/Redução	Morte	' <u>Perdeu a vida</u> ' ' <u>Foi tirado de nós</u> '
MORTE É PARTIDA	Partida/Separação	Morte	' <u>Deixou este mundo</u> ', ' <u>Nos deixou</u> '
MORTE É ESCURIDÃO	Escuridão/Ausência de Luz	Morte	' <u>Entrou nas sombras</u> ', ' <u>Mergulhou na escuridão</u> '
MORTE É UMA BATALHA/DERROTA	Guerra/Batalha	Morte	' <u>Perdeu a batalha</u> ' ' <u>Foi vencido pela doença</u> '
MORTE É TRANSFORMAÇÃO	Mudança/Transformação	Morte	' <u>Transformou-se em algo eterno</u> '
MORTE É SEPARAÇÃO	Ruptura/Divisão	Morte	' <u>Partiu para sempre</u> ' ' <u>Nos separamos para sempre</u> '

⁵ O termo Pragglejaz se origina dos nomes dos dez membros originais do grupo: Peter Crisp, Ray Gibbs, Alan Cienki, Graham Baixo, Gerard Steen, Cameron Lynne, Elena Semino, Joe Grady, Alice Deignan, e Zoltan Kövecses. Este é um projeto que propôs o desenvolvimento de um procedimento, o MIP, para encontrar palavras usadas metaforicamente no discurso em contexto real.

MORTE É UM DESTINO	Viagem/Destino	Morte	<u>‘Chegou ao seu destino’</u> <u>‘Foi ao encontro final’</u>
--------------------	----------------	-------	--

Fonte: Elaboração própria, 2025

Assim, no quadro 1 cada uma das metáforas que representam a morte — como MORTE É VIAGEM, MORTE É DESCANSO ou MORTE É BATALHA— não são apenas construções abstratas, mas têm raízes em contextos culturais específicos. O significado e o uso dessas metáforas variam de acordo com a cultura e a sociedade, o que reflete como a cognição humana é influenciada pelo contexto social dos indivíduos.

As metáforas conceituais também estão relacionadas ao entendimento do mundo físico. Por exemplo, a metáfora MORTE É ESCURIDÃO reflete a experiência com a escuridão, algo que é fisicamente tangível e que remete à ausência de luz e à morte. A ideia de ‘Mergulhar na escuridão’ ou ‘Entrar nas sombras’ é um reflexo de como o ser humano experiencia o mundo e como esses sentidos (visão, no caso da luz e da escuridão) moldam o entendimento de um conceito abstrato como a MORTE.

A metáfora em sua perspectiva cultural também destaca a importância da experiência vivida na formação de conceitos. No caso das metáforas sobre morte, elas são construídas a partir da interação com o mundo, das experiências passadas, do corpo e da interação com o meio. Como exemplo, associar a morte ao conceito DESCANSO pode vir da experiência de perceber o sono ou o repouso como um estado de calma, longe da agitação da vida cotidiana, o que leva à construção de um conceito de morte como algo pacífico e final.

As ELM na internet podem seguir esse padrão, ou se relacionarem a outros conceitos num processo de integração de conceitos. A seguir apresenta-se ELM que se relacionam ao conceito MORTE a partir das definições que foram apresentadas:

Quadro 2: Metáfora conceptual MORTE É DESAPARECER

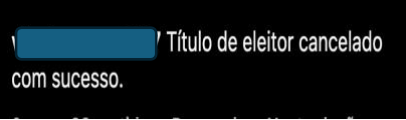
METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É DESAPARECER	Caraf o maluco foi simplesmente arrebatado ficou só as roupas

Fonte: Elaboração própria, 2025

Nessa ELM o verbo arrebatado se relaciona à morte pois quem é arrebatado desaparece. No domínio fonte, arrebatado implica um desaparecimento repentino, sem

aviso ou preparação, pois o sujeito é levado de maneira rápida e muitas vezes inesperada. No domínio alvo, o conceito MORTE é compreendido como um evento que causa o desaparecimento do indivíduo do plano físico, algo que ocorre de forma definitiva e, muitas vezes, abrupta.

Quadro 3: Metáfora conceptual MORTE É CANCELAMENTO

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É CANCELAMENTO	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

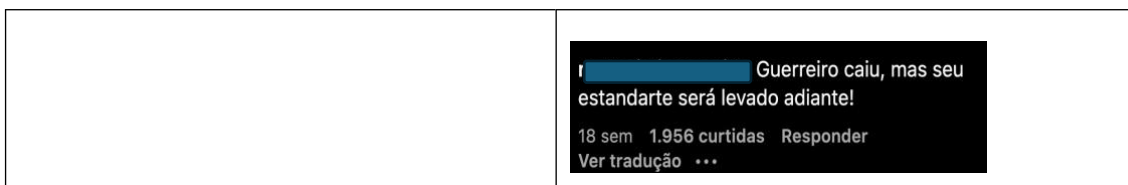
Nessa construção, o CANCELAMENTO é o domínio fonte. Quando o CPF é cancelado deixa de ser válido, e o indivíduo associado a esse documento é removido dos registros ativos. Este ato sinaliza a conclusão ou interrupção de uma existência formal no sistema de registros do governo. No domínio alvo, a MORTE é entendida como a cessação da existência física de uma pessoa. A metáfora sugere que, assim como o CPF cancelado indica que uma pessoa não está mais ativa no sistema, a morte implica que a pessoa não está mais viva ou presente no mundo dos vivos.

No levantamento feitos nas redes sociais, observou-se que essa construção é usada de forma mais comum em páginas policiais, pois o termo se popularizou através de programas televisivos do gênero, em especial, no programa do apresentador Sikeira Junior⁶. Tal pode se enquadrar na dimensão estilística de Kövecses (2005), que é determinada por fatores como o interlocutor e o contexto que favorecem a escolha de padrões de identificação com determinado grupo social. No caso das páginas policiais, essa construção geralmente esta ligada à morte de pessoas de má conduta social. E também mostra a criatividade e inovação da metáfora no discurso (Semino, 2008, 2011) no qual as metáforas são frequentemente usadas de maneira criativa e inovadora, especialmente em gêneros jornalísticos, como o apresentador citado.

Quadro 4: Metáfora conceptual MORTE É DESCIDA

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É DESCIDA/ PARA BAIXO	

⁶ Apresentou o programa Alerta Nacional, na RedeTV! de 2020 a 2023.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

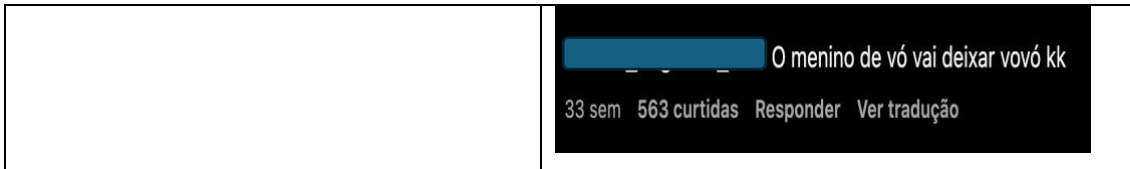
No domínio fonte, o conceito DESCIDA de tobogã envolve uma movimentação que termina em um ponto mais baixo do que o início. É uma descida controlada que, embora rápida, é inevitável uma vez que se inicia o percurso. Já no domínio alvo, a MORTE é representada como uma descida ou transição para um estado inferior ou final, sugerindo um movimento irreversível em direção ao fim da vida. A metáfora implica que a morte é um processo de descida ou declínio que leva ao término da existência.

Essa construção pode ter uma conotação leve ou até cômica, dependendo do contexto, sugerindo uma visão menos solene ou tradicional da morte e refletindo uma tentativa de lidar com ela de forma mais descontraída ou lúdica, mostrando, como explica Merleau- Ponty (1999), que o mundo e seus conceitos não são uma realidade absoluta e independente, nem uma mera projeção subjetiva, mas um campo de sentido que se constrói a partir da interação entre experiências individuais e coletivas, subjetivas e intersubjetivas, em um processo contínuo de construção e reconstrução do significado.

Ainda, a partir da mesma metáfora conceitual na ELM 'O guerreiro caiu', cair é domínio-fonte, sendo que a descida de um guerreiro em batalha representa uma derrota ou o fim após um confronto. Pode simbolizar o cessar da luta, esforço ou resistência, culminando em um estado de incapacidade ou morte. No domínio-alvo, a MORTE é descrita como uma queda, implicando um fim definitivo após uma luta ou trajetória de vida. Essa ELM sugere que a morte é o ponto final de um esforço contínuo, assim como a queda de um guerreiro encerra sua participação em uma batalha. Por seu turno, tal ELM pode carregar um simbolismo heróico, evocando imagens de bravura e sacrifício. Em muitas culturas, a morte de um guerreiro é vista com reverência, como o culminar de uma vida de coragem e luta.

Quadro 5: Metáfora conceitual MORTE É JORNADA

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É JORNADA	



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Essa construção utiliza a ideia de deixar ou separar-se de alguém para descrever a morte. A construção implica que o falecimento é visto como uma partida, uma separação definitiva. Assim o domínio fonte sugere uma partida ou afastamento de uma pessoa próxima, geralmente associado à ideia de mudança de lugar ou condição, resultando em uma separação. E o domínio-alvo, a MORTE, é entendida como uma separação definitiva da convivência física com entes queridos. A metáfora implica que a morte do neto é uma despedida permanente da avó, criando uma ruptura emocional e física.

No entanto, essa expressão ganhou um sentido metafórico pejorativo quando passou a ser usado em postagens policiais que viralizaram no Nordeste brasileiro no ano de 2023. Uma canção escrita por uma avó em homenagem ao neto⁷, transformou-se em frase recorrente ao se mencionar a morte de pessoas envolvidas em atos criminais. Essa ELM demonstra as implicações ideológicas das metáforas, pois estas não são neutras, mas como explica Semino (2011), são moldadas pela realidade que acaba refletindo ou reforçando sistemas de crenças compartilhadas por grupos sociais.

Quadro 6: Metáfora conceptual MORTE É CAIR

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É CAIR	

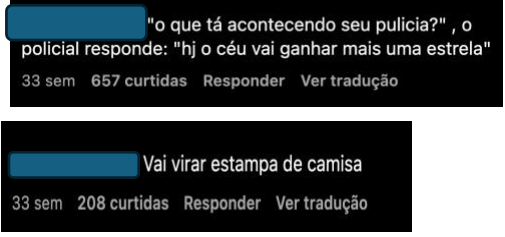
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nessa metáfora, CAIR é o domínio-fonte, a queda em uma panela de água fervente é um evento catastrófico que resulta em dor e morte rápida, simbolizando um fim violento e inevitável. E a MORTE, como domínio-alvo, é apresentada como um evento dramático e final, marcado por sofrimento ou impacto intenso. A metáfora enfatiza a natureza repentina e irrevogável da morte.

⁷ Para saber mais: https://www.youtube.com/watch?v=261e6EyCibI&ab_channel=MisterGalizaOficial.

Todavia, o significado cultural nem sempre é de tristeza, como se vê nos traços paralinguísticos (os *emojicons* de sorriso). Nesse caso, essa expressão pode ser a comemoração da morte de alguém, o que sugere que as metáforas também têm funções interpessoais e textuais. Elas ajudam a construir e negociar relações sociais, expressando emoções, criando intimidade ou humor (Semino, 2008).

Quadro 7: Metáfora conceitual MORTE É TRANSFORMAÇÃO

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É TRANSFORMAR-SE	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Lakoff (1987) explica que a categorização é moldada por capacidades humanas, como a percepção (fenomenologia) e a imagem mental, desafiando a noção de que são independentes do corpo humano (corporeidade). Isso significa que entender o significado de uma expressão lexical ou gramatical envolve considerar como um indivíduo (o conceptualizador) percebe e interpreta uma entidade ou situação específica. Nesse contexto, o domínio fonte TRANSFORMAR-SE se relaciona a virar uma luz visível no céu, muitas vezes associada a algo distante, brilhante e eterno.

Estrelas são frequentemente usadas como símbolos de esperança, inspiração e continuidade, além de serem vistas como algo que nunca se apaga totalmente. No domínio alvo a MORTE é representada pela ideia de que a pessoa, ao falecer, ‘se torna uma estrela’ simbolizando a ideia de que sua memória e espírito continuam a existir de alguma forma, brilhando eternamente no céu, como um símbolo de legado e presença que transcende a morte física relacionando o conceito com a percepção associada à morte.

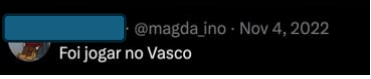
A relação entre os domínios se baseia na ideia de eternidade e luz. Assim como as estrelas no céu permanecem visíveis mesmo após muito tempo, a metáfora sugere que, apesar da morte, a pessoa continua a “brilhar”, a ser lembrada e a viver de forma simbólica e eterna na memória das pessoas. Tal expressão pode ser usada tanto de maneira a

demonstrar verdadeira consternação com a morte ou ser usada de maneira irônica, como na ELM acima.

A percepção de mundo e a relação com o corpo no ambiente (Lakoff, 1987) podem ser associadas à ELM ‘Virou estampa de camisa’, que se conecta ao conceito de TRANSFORMAR-SE em algo. Quando alguém falece, é comum homenageá-lo por meio de camisetas estampadas com sua imagem, como forma de preservar sua memória. Então, essa metáfora sugere que a pessoa continua existindo simbolicamente na lembrança e na representação de sua imagem em camisas.

Além disso, essa ELM reflete uma prática cultural amplamente difundida: a confecção de camisetas em homenagem a falecidos. Essa tradição está inserida no discurso sobre a morte, manifestando-se como um exemplo do que Kövecses (2009) chama de criatividade metafórica no discurso. Partindo dessa ideia de criatividade é comum encontrar expressões metafóricas novas e não convencionais que podem estruturar parcial ou totalmente um discurso, influenciando a maneira como as pessoas falam e pensam sobre determinado tema. Uma vez introduzida, a metáfora molda a compreensão e a comunicação, orientando a construção discursiva sobre a experiência vivida.

Quadro 8: Metáfora conceptual MORTE É PERDER

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É JOGAR NO VASCO	

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A ELM ‘Foi jogar no Vasco’, utilizada para se referir à morte, exemplifica como certas expressões metafóricas estão restritas a um contexto específico dentro da variação intracultural, conforme discutido por Kövecses (2005, 2007). Essa metáfora depende do conhecimento prévio do ouvinte sobre o futebol brasileiro e os estereótipos associados a determinados times, tornando-se compreensível apenas para aqueles que compartilham esse repertório cultural.

A construção dessa metáfora se baseia na relação entre dois domínios distintos: JOGAR NO VASCO (domínio-fonte) e a MORTE (domínio-alvo). A associação entre esses dois conceitos ocorre porque, no imaginário popular, o Vasco da Gama é frequentemente

visto como um time que acumula muitas derrotas. Dessa forma, a ideia de "jogar no Vasco" remete à experiência de perder sucessivamente, enquanto a morte é percebida como um evento final e inevitável, no qual não há possibilidade de reverter o resultado.

Esse tipo de metáfora revela a influência do futebol na cultura brasileira, na qual a identidade dos torcedores e os estereótipos associados a cada clube são utilizados para expressar ideias sobre diferentes aspectos da vida. No caso específico da expressão 'Foi jogar no Vasco', há também um reforço da fama do time dentro desse discurso coletivo, perpetuando a ideia de um clube acostumado com derrotas.

É importante destacar que esse tipo de metáfora é altamente dependente do contexto e pode perder seu significado em outros grupos. Assim, ela exemplifica como a variação intracultural influencia a construção e interpretação de metáforas, tornando algumas expressões acessíveis apenas para aqueles que compartilham um determinado conjunto de conhecimentos e experiências culturais, como explica Kövecses (2007).

Kövecses (2002, 2005) relaciona que a metáfora cultural varia destacando dois fatores principais: o contexto cultural mais amplo e o ambiente natural e físico. O contexto cultural refere-se aos princípios e conceitos dominantes em cada cultura, que influenciam a maneira como emoções são metaforizadas. Já o segundo fator é o ambiente natural e físico, relacionado à influência que o *habitat* tem sobre a linguagem e sobre as metáforas usadas em uma cultura. Esses aspectos mostram que tanto o contexto cultural mais amplo quanto o ambiente físico moldam as metáforas de cada língua, resultando em variações significativas na maneira como as emoções e outros conceitos são expressos em diferentes culturas.

Partindo dessa proposição, a seguir apresenta-se um quadro com os conceitos mais recorrentes encontrados no *corpus* desse lembrando-se que, conforme Kövecses (2005) explica, que a conexão mais profunda entre metáfora e cultura está na forma como a metáfora influencia o pensamento e a maneira como as pessoas compreendem o meio ao seu redor, assim, as metáforas conceituais convergem e produzem modelos culturais cognitivos que operam no pensamento:

Quadro 9: Metáfora conceptual

METÁFORA CONCEITUAL	CONSTRUÇÃO METAFÓRICA
MORTE É CANCELAMENTO	'Título de eleitor cancelado com sucesso'
	'Cara...CPF cancelado!'
	'Esse sujeito teve a vida cancelada'

MORTE É DESCIDA/PARA BAIXO	‘ <u>Desceu de tobogã de gilete</u> ’ ‘ <u>Ir de arrasta pra baixo</u> ’ ‘ <u>O guerreiro caiu, mas deixou seu legado</u> ’
MORTE É PARA CIMA	‘ <u>O maluco foi de arrasta pra cima</u> ’ ‘ <u>O cara fez aploud</u> ’
MORTE É JORNADA	‘ <u>O menino de vó vai deixar vovó</u> ’ ‘ <u>O maluco simplesmente foi arrebatado</u> ’ ‘ <u>Foi de base</u> ’
MORTE É TRANSFORMAR-SE	‘ <u>Elizabetou-se</u> ’ ‘ <u>Esse olavou</u> ’ ‘ <u>Virou estrelinha brilhando no céu</u> ’ ‘ <u>O céu ganhou uma estrelinha</u> ’ ‘ <u>Foi brilhar no céu</u> ’ ‘ <u>Virou cristão presencial</u> ’
MORTE É JOGAR NO VASCO	‘ <u>Ele tá jogando no Vasco</u> ’ ‘ <u>Foi jogar no Vasco</u> ’ ‘ <u>Foi escalado pelo Vasco</u> ’
MORTE É RESPEITO	‘ <u>Tem meu respeito, foi de F</u> ’
MORTE É FALÊNCIA	‘ <u>Pensei que tinha ido de Americanas</u> ’

Fonte: Elaboração própria, 2025.

A análise das metáforas interculturais, segundo Charteris-Black (2004) é necessária para compreender como significados são negociados e disputados em contextos variados. Reconhecer a dimensão cultural das metáforas não apenas contribui para uma comunicação mais eficaz, mas também para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder presentes nas interações. As metáforas são moldadas por diferentes contextos culturais e servem como ferramentas comunicativas que tanto conectam quanto separam culturas, pois os significados específicos negociados são culturalmente influenciados. Cada sociedade imprime valores e conotações particulares às metáforas, refletindo suas crenças, tradições e contexto histórico.

Em contextos interculturais as metáforas podem funcionar como pontes, facilitando a comunicação e a construção de sentidos comuns entre diferentes culturas. Entretanto, quando mal interpretadas elas também podem criar barreiras comunicativas, pois a carga simbólica de uma metáfora pode ser conceptualizada de maneira positiva em uma cultura e negativa em outra, gerando conflitos interpretativos. Nisso, as metáforas interculturais envolvem a comparação e o contraste entre metáforas de diferentes culturas. Elas revelam tanto semelhanças quanto diferenças na forma como sociedades distintas conceptualizam emoções, relações sociais, natureza e outros aspectos fundamentais da vida.

Partindo essas colocações, destaca-se algumas ELM advindas de metáforas conceptuais ligadas a contextos específicos relacionadas no quadro 09.

De maneira geral, a morte se relaciona ao conceito de PRA BAIXO/DESCER, o que pode

ser observado em expressões como ‘Ele desceu à cova’ ou ‘Foi para debaixo da terra’. No entanto, também há uma relação com a metáfora MORTE É SUBIR, expressa em frases como ‘Foi para o céu’ ou ‘Criou asas’.

A criatividade linguística (Kövecses, 2009), contudo, possibilita, por exemplo, que metáforas associadas a SUBIR emergem de formas inovadoras dentro de contextos culturais específicos. Um exemplo disso pode ser encontrado nas expressões linguísticas metafóricas (ELM) apresentadas no quadro 09: ‘O maluco foi de arrasta pra cima’ e ‘O cara fez upload’. Essas expressões não são de interpretação imediata, exigindo que se recorra ao contexto em que foram criadas para compreender como seus significados foram negociados e ressignificados.

Na ELM ‘O maluco foi de arrasta pra cima’, há uma referência direta à funcionalidade do *stories* do Instagram, onde o usuário podia deslizar para *arrastar para cima* e ser direcionado a um link externo, no entanto, essa função deixou de existir, “morreu”. No contexto informal e humorístico da internet, essa expressão passou a ser usada como uma metáfora para a morte, sugerindo que assim como essa função deixou de existir, quem vai ‘de arrasta para cima’ também deixou de existir. Essa construção reforça a ideia da metáfora MORTE É SUBIR, mas de uma maneira inovadora, adaptada ao ambiente digital.

Já na ELM ‘O cara fez upload’, há um uso semelhante da metáfora, mas agora ancorado no vocabulário tecnológico. O termo *upload* refere-se ao ato de enviar arquivos para a nuvem ou para servidores online. Ao ser usado metaforicamente para descrever a morte, sugere que a pessoa SUBIU para um outro plano, como se sua existência fosse transferida para outro ambiente — possivelmente o céu—, em uma analogia ao espaço virtual.

Ambas as expressões demonstram como a linguagem se adapta às novas realidades tecnológicas e culturais, recriando metáforas tradicionais em contextos contemporâneos. Esse processo de ressignificação revela não apenas a flexibilidade da metáfora, mas também o papel ativo dos falantes na construção de novos sentidos para expressões já conhecidas.

Nesse mesmo contexto está a metáfora MORTE É RESPEITO, expressada em ‘Foi de F’ (quadro 09) que se remete ao jogo *Call of Duty: Advanced Warfare*, no qual os jogadores devem pressionar a tecla "F" para prestar respeito a um soldado morto durante uma cena cinematográfica do jogo. Esse gesto se tornou um *meme*, e a letra "F" passou a ser usada amplamente na internet para expressar condolências, luto ou reconhecimento pelo falecimento de alguém. Então, um símbolo originalmente restrito (o "F" do jogo) se torna

um elemento linguístico produtivo na comunicação cotidiana. No contexto digital, evidencia como a linguagem se adapta às novas formas de sociabilidade e luto mediadas pela tecnologia, em que este pode ser simbolizado por um simples caractere – "F" – em um comentário ou postagem. Isso sugere uma transformação nas práticas culturais influenciadas pela comunicação instantânea e globalizada da internet.

Ainda relacionando às configurações de linguagem na internet, pode-se vincular Kövecses (2005) ao explica que as metáforas podem ser universais, mas também moldadas por contextos culturais específicos. Enquanto algumas metáforas são compartilhadas entre diversas línguas e culturas, outras emergem de eventos e valores socioculturais particulares. Nesse contexto a metáfora MORTE É FALÊNCIA (quadro 09) na ELM ‘Pensei que tinha ido de Americanas’ relaciona a ideia de falecer com o colapso financeiro vivido pela loja Americanas, que em anos recentes quase decretou falência. Assim o domínio-fonte FALÊNCIA tem como domínio-alvo MORTE.

Sob a perspectiva da metáfora cultural (Kövecses, 2005, 2007) essa metáfora reflete como eventos específicos em contextos também específicos contribuem para a categorização. Kövecses (2005) destaca que a cultura molda não apenas quais metáforas serão usadas, mas também como elas se desenvolvem e variam. Esse é um exemplo de como elas podem ser dinâmicas e não são arbitrárias, mas frequentemente baseadas em experiências concretas.

Considerações Finais

No cenário atual, a morte tem sido cada vez mais discutida e ressignificada nas redes sociais, influenciada pelas interações digitais e pelas plataformas de comunicação. Nisso, esse ambiente virtual se torna lugar à criação de novas metáforas conceptuais que refletem e reinterpretam significados culturais.

Partindo do exposto, esse estudo se propôs a analisar como as metáforas sobre a morte emergem nas redes sociais, utilizando a perspectiva da Linguística Cognitiva, que entende as metáforas como estruturas cognitivas essenciais para a comunicação e a organização do pensamento. Observou-se que, embora algumas metáforas tenham caráter universal, como a morte associada à viagem ou ao fim de um ciclo, outras surgem de contextos culturais e tecnológicos específicos. Expressões como ‘Foi de arrasta pra cima’ ou ‘Fez upload’ exemplificam a adaptação da linguagem às novas realidades digitais.

Além de organizar o pensamento sobre a morte, essas metáforas cumprem funções sociais e identitárias, reforçando pertencimentos a grupos e formas de lidar com a perda. Expressões como 'Foi jogar no Vasco' mostram como determinados grupos culturais ressignificam a morte de forma peculiar. A análise também revelou que metáforas podem atuar tanto como pontes quanto como barreiras culturais, dependendo do conhecimento prévio do interlocutor sobre determinado contexto.

Por fim, o estudo reforça que as metáforas são relevantes à construção do significado e da experiência humana, sendo constantemente recriadas à medida que os contextos socioculturais evoluem. No ambiente digital, elas não apenas refletem mudanças na linguagem, mas também evidenciam a criatividade e a necessidade de reinterpretar temas universais como a morte.

A ideia é que esse trabalho possa contribuir para os estudos sobre a linguagem e a cognição, ampliando debates sobre o tema, propondo reflexões da relação entre língua e cultura e compreensão das dinâmicas discursivas contemporâneas. Dessa maneira, espera-se que este estudo contribua para investigações futuras sobre a intersecção entre Linguística Cognitiva, cultura digital e práticas discursivas, promovendo debates sobre como as metáforas moldam a percepção do mundo.

REFERÊNCIAS

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 25-47.

FERRARI, Lílian; PINHEIRO, Diego. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 595-621, nov. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/21492>. Acesso em: 06 dez. 2024.

GIBBS, Raymond W. **The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Taking metaphor out of head and putting it in the cultural world. In: GIBBS,

Raymond W.; STEEN, Gerard J. (Eds.). **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 146-166.

GRADY, Joseph E. **Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes**. 1997. PhD Dissertation, University of California, Berkeley.

KÖVECSESES, Zoltan. **Metaphor and Emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Metaphor: A Practical Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. **Metaphor and Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Universality vs. non-universality in metaphor. In: **English Language and Literature Studies: Structures Across Cultures Proceedings**. Belgrade, 2007.

_____. **Aspects of metaphor in discourse**. Belgrade English Language and Literature Studies, v. 1, p. 81-91, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

_____. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. **Metáfora Cultural: Persuasão e Revelação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.

SEMINO, Elena. **Metaphor in Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. Metaphor, genre, and recontextualization. In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (Eds.). **The Routledge Handbook of Metaphor and Language**. London: Routledge, 2011.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.